VI ANNO. TERÇA-FEIRA, 9 DE JANEIRO DE 1866. N.º 516

O DISTRICTO DE AVEIRO

PREÇOS
ASSIGNATURA SEM ESTAMPILHA
Anno 3:200=Semestre 1:600=Trimestre 850 rs.
Cada numero avulso . . . . . 40 rs.

Publica-se regularmente ás terças e sextas-feiras de tarde.
Edição supplementar em dias indeterminados.
Subscreve-se e vende-se unicamente no escriptorio da administração — Rua Direita.—Toda a correspondencia deve ser dirigida ao administrador, estampilhada. — Os escriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos. — As assignaturas são pagas adiantadas.

PREÇOS
ASSIGNATURA COM ESTAMPILHA
Anno 3:800=Semestre 1:900=Trimestre 1:000
Annuncios e correspondencias, por linha 20 rs.

Politica interna

BOLETIM

Na sessão de quinta feira passada, na camara dos dignos pares, foi apresentada pelo sr. conde de Avila, uma representação de 4:000 cidadãos da cidade do Porto, para que a camara alta não approve o contrato feito com a companhia do caminho de ferro de sul e sueste.

Sobre este ponto fallou tambem o sr. visconde de Gouvêa, e lembrou que a publicação no *Diario* daquella representação fosse feita por conta dos interessados, e que se publicassem tambem as assignaturas, e declarou que não lhe constava que algum homem importante da cidade do Porto assignasse tal representação.

Quatro mil assignaturas é realmente muito, se toda a gente não soubesse como se fazem taes representações, e como se arranjam assignaturas. Os jornaes do Porto teem publicado uma longa lista de pessoas que teem declarado, que retiram as suas assignaturas dessa representação. Não obstante, coube uma grande honra ao illustre conde de Avila, por apresentar uma representação a que muitos dos signatarios retiraram o seu nome, e em que a maior parte dos restantes não sabem, nem o que é o contrato, nem souberam o que assignaram.

Resolveu-se que a meza da camara dos dignos pares se entendesse com a dos srs. deputados para que as sessões em que se debatesse a questão do contrato do caminho de ferro, tivessem logar da sala das sessões da camara electiva, em consequencia da falta de espaço que ha na sala em que funcciona a camara hereditaria.

Na camara electiva, na sessão de sexta feira, foram eleitos para comporem a lista quintupla dos supplentes á presidencia, os srs. Placido de Abreu, Mello Soares, Joaquim Pinto de Magalhães, Pequito e Mattos Correia. Na eleição para vice-secretarios obtiveram maior numero de votos os srs. Severo de Carvalho e Tavares Crespo.

O *Diario* não contém nada de importancia; apenas publica duas portarias em que se ordena ao governador civil de Bragança que louve a camara de Freixo de Espada á Cinta pelas providencias que tomou na occasião em que a cholera se manifestou naquella povoação, e do mesmo modo o medico de Mogadouro pelos bons serviços que então prestou.

Diz-se que rebentára uma revolução em Hespanha; mas não se sabe nada de positivo a este respeito. Correm differentes boatos, pela maior parte contraditorios, e a que se não pode dar inteiro credito.

NEGOCIOS MUNICIPAES

Os tão illustrados como verdadeiros defensores da camara, não podendo negar que tinhamos razão para asseverar que o sr. Manuel Firmino dera como pago em 1863—1864 o gradeamento do Passeio, querem agora escapar-se dos apuros em que estão, dando diploma de parvo ao sr. Manuel Firmino, e de ineptos aos empregados da camara.

Aquelle não soube o que assignou, *mentiu presumindo dizer a verdade*, e estes confeccionaram um mappa, em que por *deficiencia* figuram trabalhos que não existiram!

Comprehende-se facilmente que por descuido haja erro ou omissão, mas não póde conceber-se, que por deficiencia se especifique até o comprimento, largura, altura e espessura d'obras que não se fizeram?

Como e para que se improvisaram taes obras.— Como e para que fabularam as dimensões? E ainda teimam em nos recommendar a escripturação da camara!

Pois sendo feita pelos mesmos empregados que confeccionaram os mappas, póde ella merecer-nos mais confiança que estes? Poderemos nós acreditar que se pagasse a 800 rs. o carro d'aterro, ou que em obra tão insignificante montassem os jornaes a cerca de 1:899$000 rs.?

Se de tal escripturação tirassemos as conclusões, que podem e devem tirar-se, não viriam dizer-nos que ella era deficiente?

O negocio das lettras fica no mesmo pé.

O sr. Manuel Firmino diz que pagou o gradeamento em 63—64, e não pediu no orçamento de 64—65 meios para pagar taes lettras: os seus defensores dizem que não as pagou, que assignou sem saber o que assignava uns mappas que são inexactos. Acreditamos no que diz o sr. Manuel Firmino em quanto elle não nos esclarecer.

Do que nos tem dito os defensores da camara, resulta que não se póde dar credito a documento que venha da secretaria da camara, que não é possivel averiguar como são geridos os rendimentos municipaes, e que é de absoluta necessidade que a auctoridade competente providencie como entender, mas que ponha termo a este estado de cousas.

CAIXA ECONOMICA D'AVEIRO

Teve logar no dia 6, segundo o costume, a assembleia geral dos accionistas da Caixa Economica desta cidade, para ouvirem a leitura do relatorio da gerencia do anno anterior, e procederem á nomeação de nova direcção.

Na ausencia do sr. Mendes Leite, presidiu á assembleia o sr. Bento de Magalhães, vice-presidente.

Do relatorio da direcção vê-se que o estabelecimento continúa a prosperar, elevando-se já a somma dos depositos recebidos a réis 28:224$300, estando desta quantia réis 26:920$390 mutuados a 342 mutuarios.

Durante o anno entraram 89 depositantes novos, e mais 109 dos que já haviam entrado nos annos anteriores, vieram accrescentar neste anno os seus depositos. Portanto foram recebidos pela Caixa durante o anno 7:869$850 réis de 198 depositantes.

O total dos emprestimos no mesmo periodo foi de 16:072$905 réis feitos a 1:249 mutuarios.

O saldo em caixa fica sendo de réis 3:294$530, havendo a pagar aos depositantes 1:287$795 réis de juros vencidos, e ficando 836$495 réis de sobras para fundo de reserva.

O relatorio contém muitas outras cifras que dão a conhecer o estado satisfatorio de tão util estabelecimento. Faremos proximamente a publicação delle.

A direcção recebeu da assembleia um voto de louvor pelos serviços que tem prestado á instituição, e foi reeleita por unanimidade em escrutinio secreto, depois de se ter recusado a acceitar a eleição por acclamação como a assembleia pretendia.

No discurso da corôa pronunciado por S. M. o senhor D. Luiz, na sessão de 2 do corrente, entre outras promessas avulta uma importissima, que é o melhoramento do ensino primario.

De ha muito tempo que este ramo de administração publica tem sido descurado pelos governos, conservando-se até hoje o ensino de infancia em tal estado de atrazo, que bem mostra o desleixo de quem tem estado á frente da administração do paiz.

É verdade que se tem creado muitas escolas ainda nas povoações menos povadas; mas não é deste modo que se melhora a instrucção da infancia.

O primeiro dos inconvenientes que ha na instrucção primaria não se remedeia com o grande numero de escolas. A que primeiro se deve attender é a que o magisterio seja occupado por bons professores.

A reforma que o actual ministerio deve primeiro ter em vista é a dos professores. Sem bons professores, em vez de se derramar a instrucção, que tão necessaria é para que a sociedade tenha bons cidadãos, gasta o thesouro, sem que se colham quasi nenhuns resultados d'essa despeza.

Bom é que o numero das escolas não seja diminuto; diffunda-se a instituição por todo o paiz; haja escolas ainda nas povoações menos habitadas; mas não se conservem no estado em que actualmente se acham.

É necessario que haja professores habilitados; e é este o principal ponto sobre que deve versar a reforma que se tenta fazer na instrucção primaria.

As cadeiras de ensino primario estão hoje geralmente occupadas por professores inhabeis, incapazes, e sem conhecimentos necessarios para o magisterio. D'este modo gasta o thesouro e pouco lucra o paiz.

A principal reforma e talvez a unica que se tem a fazer no ensino, é escolher professores que sejam instruidos para levar a luz ao espirito das creanças, bem morigerados e de bons costumes para que possam imbuir n'aquellas tenras almas o amor da virtude.

É necessario que se melhore o ensino, para que haja bons cidadãos, e os melhoramentos de que elle mais carece é o retirar-se do magisterio das escolas a ignorancia e a immoralidade.

Cremos que será este o alvo a que miram as intenções do governo.

E' verdade que com tal reforma o thesouro deve sentir algum desfalque; mas não se deve olhar a despezas, quando com ellas vem a felicidade ao paiz.

Bem haja o governo que quer melhorar o ensino, sem o qual a sociedade não pode ser o que o progresso manda que seja.

As medidas sobre este ponto eram de ha muito reclamadas; o ensino primario estava exigindo as attenções dos poderes publicos, e só agora é que vemos que se olha deveras para o mau estado da instrucção primaria; só agora é que se tenta a reforma, que já de ha muito se devêra ter feito.

As promessas que o governo fez no discurso da corôa, attenta a solicitude que já tem mostrado em prol do bem publico, serão em breve convertidas em realidade, ganhando com isso o paiz, e conquistando o governo a affeição sincera de quem, alheio a odios mesquinhos e a paixões partidarias, vê prosperar a nação sob a influencia benefica da sua excellente gerencia.

Chamámos ha dias a attenção do sr. delegado do thesouro para o procedimento do escrivão de fazenda de Vagos. De novo o fazemos, porque ainda não fomos ouvidos, e continuam as mesmas irregularidades.

Hoje se nos queixaram de que o funccionario incriminado ha muitos dias não apparece na repartição a seu cargo, e que por esse motivo tem sido impossivel a alguns vendedores de tabaco daquelle concelho obterem a sua licença, vendo-se obrigados a entregarem na recebedoria a importancia della, afim de se forrarem á multa que a lei impõe.

Isto é grave, e pode dar logar a grandes vexames. Desejariamos saber se fosse n'um caso destes multado um vendedor de tabaco, quem era por esse facto responsavel? E' preciso que o sr. delegado do thesouro cumpra o seu dever, e dê providencias immediatas.

Exigimol-o em nome da regularidade do serviço publico, que o sr. Camisão parece não ter na devida conta.

Na imprensa periodica tem-se debatido muito a questão sobre as rodas dos expostos.

Tanto os que impugnam como os que dependem teem em vista a morigeração da sociedade. O fito de ambas as opiniões é o mesmo; os meios é que são diversos.

Uns optam por que se abram as portas desses hospicios; outros votam por que se fechem: os primeiros vêem na conservação das rodas, e na liberdade de exposição um meio que obsta ás exposições pouco edificantes no meio das praças e das ruas, correndo risco os infelizes recem-nascidos, e dando-se á sociedade espectaculos desmoralisadores e subversivos dos bons costumes; os segundos querem a extincção das rodas, que elles julgam asylos de devassidão e de corrupção moral, que fomentam as seducções, e são pesado encargo para os municipios e misericordias, que fazem despezas consideraveis com ellas, quando essas sommas podiam ser applicadas a melhoramentos publicos, e dizem até que devem desapparecer quaesquer vestigios que indiquem á posteridade que existiram estes hospicios de falsa caridade entre nós, que tanto temos feito em prol do progresso e da civilisação.

Uma e outra opinião é fundada na perfeição moral da mulher, e na moralisação da sociedade; tanto os que defendem como os que impugnam querem a felicidade desses infelizes, em cujos primeiros vagidos veem já compendiadas as desventuras que hão de ser o seu patrimonio no porvir. Ambas as opiniões se empenham na cruzada santa da moralisação da sociedade; ambas teem o fito posto nos bons costumes, sem os quaes não ha quem tenha mão no edificio social.

E' de feito esta uma questão importantissima. Trata-se da moral da sociedade, primeiro elemento della, e por isso primeiro ponto sobre que deve cahir a vista de quem governa o paiz. Quando a socidade está sem costumes, combalida de vicios, depravada e corrupta ha o caminhar para o abysmo, e então será a lei impotente para se lhe oppôr á queda.

A moralisação dos cidadãos deve ser cuidada e providenciada pelos governos com toda a solicitude. E' nella que vae o futuro dos paizes, e é ella que dá felicidade aos povos. O amor patrio, a primeira virtude do cidadão, não pode existir se a corrupção lavrar no meio da sociedade; os vicios afugental-o-hão e rir-se-hão delle.

Ora, esta questão sobre os expostos tem muito de commum com a moral da sociedade, e demanda por isso os cuidados e attenção do governo.

A sorte daquelles infelizes deve ser o ponto de partida da questão; e o prisma por que ella deve ser olhada.

Mostremos a nossa opinião sobre este assumpto.

Pratica um delicto que não pode justificar-se a mãe, que abandona o seu filho, ou por falta de sentimentos maternaes, ou por que as circumstancias em que se vê lhe abafem esses sentimentos: mas o que a sociedade não póde deixar de fazer é chegar-se á beira d'esses infelizes, envolvel-os no manto da caridade, e educal-os; e a patria, mãe de toda a nacionalidade, tem obrigação e necessidade de dar a mão ao infeliz recem-nascido, e minorar-lhe a infelicidade, acolhendo-lhe os vagidos com amôr, e dando-lhe o alimento do corpo para depois lhe dar o do espirito tambem.

Nós votamos pela conservação das

Folhetim

Lisboa.—Dezembro, 31—1865.

MEU AGOSTINHO PINHEIRO.

Está por um fio o anno de 65. Portugal, se não tem a felicitar-se por grandes vantagens economicas e politicas, que hajam assignalado o curso d'estes trezentos e sessenta e cinco dias, tem, com certeza, de agradecer a Deus havel-o livrado da peste, que assolou a nossa visinha, e que ainda agora devasta alguns pontos da Galliza.

Á parte os casos de Elvas ficámos incolumes.

Cae o anno de 65 no abysmo do passado; reponta no horisonte do futuro outro anno. Deus o traga próspero, risonho, pacifico, esperançoso e feliz!

Quando se tem vivido muito em pouco tempo, e a gente chega a passar a linha dos trinta, parece que a vida não anda, mas se precipita por um declivio rapido como o rochedo Sisipho.

Os annos são mezes!

Hontem levantava a voz este amigo e proclamava na tribuna ou na imprensa um princípio politico arrojado e grande; aquelle concebia um drama, um romance ou um poema debaixo de profundas inspirações; hoje vamos acompanhar esses dois amigos á sepultura. Toda aquella vida, todo aquelle enthusiasmo, que os inflamava e nos inflammava a nós, apagou-se n'um momento! Então a existencia, então o homem o que valem?

O que vale a existencia não sei, o homem sei eu que vale muito, por que tem a faculdade de ligar ideias, e cá fica a grande herança, parte ainda jacente, parte já dividida em proveito da humanidade. E não são os Cressus, não são os summos potentados da riqueza, nem os que se pavoneiam com as honrarias futeis do mundo official, aquelles que mais contribuem para o grande obolo; os principaes testadores são quasi sempre os pequenos, os humildes, os desamparados; são Sahkespeare, Milton, Camões; ou são Phedro o escravo, ou Horacio — o liberto — que dizia ás suas odes:

«Vós sois filhas de um pae que escravo ha sido»

A que proposito veio esta tirada? não sei, nem me importa. Quando te escrevo é como se conversasse comtigo, ao acaso, divagando, aqui, além, emfim, por onde me apraz, sem curar do estylo, nem da ordem do discurso.

Tu és o meu principal auditorio; se entenderes que deve ouvir-me mais alguem; publica estas cartas, quando não, guarda-as na tua carteira como lembranças de obscuro, mas sincero amigo.

De politica não te fallo; não sei nada, não leio jornaes, não vou ás camaras; ouvi apenas que Vieira de Castro, de quem sou amigo, tinha feito uma elegante oração sobre a morte do grande politico inglez. Não sei nada, e creio que tem havido muito; mas desse muito, julgo, para consolação minha, que o paiz sabe, pouco mais ou menos, tanto como eu.

Já me não succede o mesmo com a litteratura. Estou em dia com as novas publicações da nossa terra.

Só a litteratura epistolar d'estes dois ultimos mezes dava um par de folhas de commentarios.

Praza a Deus que esta contenda, quando venha a tornar-se geral, não caia, no «dize tu, *direi eu de senhoras visinhas*» tão de gosto na nossa terra.

Entrem no circulo os luctadores, e o que tiver de succumbir seja com a elegancia dos companheiros de Spartaco.

Que a Providencia afaste de nós a renovação das luctas lamacentas do Padre José Agostinho, do Pato Moniz, e até do proprio Bocage, menos na *Pena de Talião*, em que o famoso sonetista, inspirado por aquella indignação, de que falla o auctor das odes latinas, n'um repente do seu genio, fez um primor litterario.

Ha dias publicou-se um volume de versos que tem por titulo «Folhas Soltas». O auctor é Eduardo Vidal, meu amigo, meu discipulo, em tempo, e hoje meu poeta muito estimado.

Tem vinte e trez annos. Compra o livro e passa um serão de inverno com alguns amigos e algumas senhoras amaveis, á roda do lume, lendo estas *Folhas*, umas com o viço e fragancia da primavera, outras pallidas e melancolicas como as folhas do outono.

O poeta d'este novo volume, como quasi todos os poetas, não tem a estrada da vida muito plana, muito desafogada, muito florida. Para sustentar esposa, e um filho, que tem no berço, trabalha n'um emprego da alfandega.

Já é preciso ser poeta devéras para fazer versos depois de passar seis horas cada dia no meio dos fardos de algodão, das saccas de arroz, e de café, das caixas de assucar, e d'aquelle côro impossivel dos alentados filhos de Compostela!

Pois Vidal, apesar d'isso, faz versos, e lindissimos versos. Não posso analysar-te agora o seu livro; mais tarde o farei. Todavia permitte-me, que para provocar o apetite das tuas sympathicas provincianas, te dê uma amostra d'estes graciosos cantos.

Citarei uma carta que vem n'um dos seus poemetos «Fernando» carta escripta por uma joven senhora ao dilecto da sua alma, ao seu primeiro e unico amor, com os extremos, meiguice, doçura e vehemencia, que são dotes peculiares dos corações finissimos.

A terra que produziu a brilhante imaginação de José Estevão, ha de possuir mais de uma seductora menina, cujos olhos negros, castanhos, azues, ou verdes, scintilantes como as estrellas nas nossas noites de primavera, se orvalhem de lagrimas lendo a sentidissima carta de Helena ao seu Fernando.

Ahi vae:

Não te esqueço! aqui, tão longe,
Penso em ti, como pensava
Quando ha pouco te abraçava,

rodas dos expostos, queremos que estejam sempre abertas as portas desses hospicios; e somos desta opinião, porque com a extincção das rodas corre risco a sorte desses infelizes, de quem a sociedade deve, quanto em si couber, aliviar o infortunio. Extinctas as rodas, os expostos terão por berço as pedras das ruas com prejuizo das suas vidas e da moral publica.

A policia é que deve fiscalisar e vigiar por que não engeitem seus filhos aquellas mulheres que podem creal-os. Quando houver noticia de que qualquer mulher viuva ou solteira está proxima a ser mãe, intime-se para que ella responda por o filho, obstando-se deste modo, se ella está nas circumstancias de crial-o, que elle vá ser exposto; mas, se a esta fiscalisação se evade alguma mulher, nem por isso se devem cerrar as portas desses asylos de caridade ao infeliz.

A sociedade tem restricta obrigação de vigiar pela vida dos engeitados, e, acabando com as rodas, em vez de cumprir esse dever, consente na infelicidade d'elles, e dá azo a espectaculos de immoralidade.

Este assumpto é grave, porque está estreitamente ligado com a moral da sociedade. E' preciso que se adoce a desventura daquelles desgraçados, e que até se cuide de os tornar bons cidadãos, dando lhe o sustento do corpo e o leite do ensino.

Os problemas sociaes, de cuja solução se têem occupado as nações mais cultas neste nosso seculo cremol-os insoluveis, se a sociedade, não se compenetrando deveras das suas obrigações, deixar á mercê dos vicios os infelizes que nasceram á luz de horoscopo maligno.

Continuem, pois a estar abertas as portas d'esses asylos; seja como até aqui a administração dos expostos confiada ás municipalidades, e superintendam sobre ella os conselhos de districto, mas tratem os corpos legislativos de regular a fórma de administrar, e condicções para admissão dos engeitados, providenciando tambem ácerca do futuro d'elles. Encare-se a questão como ella merece, convença-se o governo da muita importancia della, e é quanto basta para se tomarem boas providencias sobre este ponto, que muita e provada é a illustração e zêlo do actual governo.

Communicado a pedido

Reverendissimo Antonio Annibal Barreto Feio *bispo de Vagos,* eu o *Manuelzinho* vos envio muito saudar.

Cá recebi, e li com prazer e gaudio a vossa carta de correr, lançada *na caixa n.º* 1400 *do Campeão das Provincias*, com fecho de 13 do corrente.

Cabe aqui o dizer-vos, que ha *linguas malevolas e escarnicadoras*, que põem em duvida ser a carta obra vossa, e que para a collaboração da sobredita cuja andastes a incommodar os parceiros do *cabido*; eu tambem quero crer, sem acreditar, que afinal, no fim de contas, aquella carta não vos deve ser imputada; está no *estylo rasteiro*, e os vossos escriptos são sempre em estylo empolado e enchomassado — emprestastes a vossa *chancella*, e por isso mesmo deveis ter uma e muita chança!!

Seja como fôr — muito vos agradeço, e terei em bom serviço a deliberação, que tomastes, de vos encarregar do *Cappão da fazenda*, assim será a patria salva, o bom do *Cappão* levantará a crista derrubada, e ficará de cabeça airoza; por que a vós sr. Antonio *bispo* em *armações de presepios* ninguem vos iguala.

Desta vez elevareis o *Cappão* a cantor da *vossa capella*, que com voz de tiple de 7 oitavas e meia entoará o *in æternum decantabo* das vossas transformações!!

Mas eu sr. *Antonio bispo* fiquei com a alma a uma banda, fiquei mesmo petrificado, atrapalhei-me tanto, que mesmo sem me sentir apalpei a cabeça, a ver se tinha *corôa*—eu o pobre Manelzinho feito *reverendo e padre*, e por vós ordenado sem demissorias?!! é na verdade um descoco, um desconchavo, que só podia sahir da vossa cabeça de bilro, retocada em Guimarães! —eu reajo com todas as forças que pode ter um careca sem cabellos, por que não quero ser *reverendo nem padre.*

Confesso-vos com ingenuidade e candura, que fiquei de todo atrapalhado, quando findei a leitura da vossa carta—e disse com os botões da minha brujaca; pois o sr. Antonio *é bispo*?!! que elle era o deus do *palco*, o *Pan* rodeado de *satyros* e *faunos* isso sabia-se com publico e, geral applauso! *mas bispo*! e *bispo de Vagos*!!

Por tanto sr. Antonio Annibal Barreto Feio cá o *Manelzinho* não quer ser padre, nem reverendo, nem prégador; em fim nada de apostolado—sou e serei um pobre homem já careca mas *sem chinó—nem cabelleira*—se pelo habito talar vos pareço padre, sabei que não pertenço á ordem de *Melchizedech* — sou um *leigozinho*, e hospede em toda a materia, *já se vê de corôas.*

Direis vós meu sr. Antonio *bispo* que me *tecereis* uma corôa de louros! nada de louros — não tendes precisão de arremetter contra os vallados, tendes *ramos* de sobejo para tecer *corôas, capellas, e ornatos*, sem incommodar a vezinhança — com tudo aceitarei á vossa dadiva, e prometto trazel-a comigo por causa do quebranto, e das más olhaduras.

O *Manelzinho* admira o vosso talento, admira as vossas scenas comicas, admira o vosso todo, até vos admira *bispo*..... e bem diz o Creador em vos conceder a estulticia em grau subido!

O *Manelzinho* não usa de chicote, traz um pauzinho emponteirado, a que vae juntar um amante aguilhão, para tanger o sr. Antonio *bispo das corôas*, se embirrar em fazer do *Manelzinho* um *reverendo padre.*

Que o sr. Antonio Annibal embirre com *Manelzinho* em se associar com o administrador do concelho em eleições, e que venha cá feito *gripho*, e por espertalhão desenquietar, quem se não importa dos dares e tomares do sr. Antonio! vá: isso comprehende-se—mas pôr o rematte á cantiga fazendo *padre o Manelzinho* isso agora sr. Antonio é chalaça, que por fina de mais, não presta para nada!

Fiquemos assim sr. Antonio Annibal Barreto Feio—não tome a nuvem por Juno—cada um tem as suas opiniões—o *Manelzinho* é seu amigo; e se Deus o fadou para melhor vida, não desça ao sarcasmo, e a verrinas descabelladas contra quem lhe não dá o menor motivo—Enjoam os seus escriptos por falta de baze.

O *Manelzinho* não quer offendel-o: procurou desvial-o do mau caminho, e nada mais. Seja um *Annibal em Canas*, não avance contra Roma que perde o tempo; sim perde o tempo, que bem preciso lhe é para cuidar nas suas obrigações.

Vagos, 25 de dezembro de 1865.

O Manelzinho.

Exposição do Porto

XVIII

O exame de certos productos, expostos no palacio do Porto, recorda naturalmente circumstancias, que não será ocioso revelar.

Para satisfazer as exigencias modestas dos que se contentam com o catalogo, mais ou menos desenvolvido, mais ou menos commentado, seria bastante enumerar os artefactos, ou copiar as facturas, e em poucas palavras exprimir um juizo relativo ás qualidades dos productos expostos. Para os estudiosos, que desejam na exposição aprender, e da historia dos estabelecimentos fabris extrahir conselho, e advertencia, para futuras emprezas — para esses, quando necessario for, entrando pelos archivos das nossas fabricas, e procurando ahi descobrir como vieram a ser o que são, ou qual tem sido até hoje sua vida.

Em geral o nosso estabelecimento fabril é principiado pela tentativa timida de algum emprezario com pouco dinheiro. Artista, ou amador, pobre de recursos, e rico de esperanças, rebatendo alguma vez o futuro, para salvar o presente, o fundador da fabrica entra alegremente na carreira industrial, crendo que a sua diligencia, a sua vontade, e o seu esforço, poderão completar o fundo fixo, mesquinhamente calculado, e supprir a falta do capital circulante, cuja ausencia completa obriga a empreza a encetar operações de credito, mais ou menos ruinosas. Destes defeitos organicos surgem as consequencias em pouco tempo, e o arrojo, que merecêra louvor, acha o castigo na decepção e na ruina.

Dois caminhos podem ser então abertos para o emprezario infeliz: a liquidação forçada, brutal, exigindo vendas por todo o preço, para que tudo se arruine, para que não fique vestigio do attentado contra o quietismo; ou a transformação dos titulos de credito em acções, a correcção do erro primittivo, pelo augmento do capital, a constituição de uma sociedade de commandita, particular, ou anonyma.

Será inutil dizer que os credores, em geral, preferem o primeiro systema, que é o mais estupido, e o mais nocivo para todos. Feridos nos seus interesses, sentem um certo prazer em opprimir. Desabafam exigindo a venda forçada. Desabafam reclamando para o infeliz uma situação de que não possa erguer-se. Preferem perder, liquidando, a salvar alguma cousa, pela associação dos creditos, porque se vingam, e porque ficam dispensados de pensar na gerencia do fundo social, que poderiam formar unindo-se áquelle, que muitas vezes, tem intelligencia, e no braço, recursos, e força, para dar a si, e aos socios, reparação de todas as perdas.

Felizmente não são todos cegos, e a prova ahi está, diante de nós, nessas exposições que nos apresentam, a *Companhia do Fabrico de Algodão de Xabregas*, e a *Companhia Industrial Lisbonense.*

Os srs. Hoarth & C.ª, em sociedade com o sr. Alexandre Black, a quem a nossa industria deve grandes serviços, fundaram, no anno de 1856, em Xabregas, no sitio da Samaritana, quatro kilometros a léste de Lisboa, uma fabrica, que destinaram para a fiação de algodões, e para a tinturaria dos panninhos de forrar.

As difficuldades, que logo de principio acharam, eram grandes, como se deve suppôr, notando que foram baldadas as primeiras diligencias para fundar sociedade com fundo mais avultado, e que dois annos depois tomavam conta do estabelecimento os srs. Anjos & C.ª, Santos Miranda, Ribeiro da Cunha, Joaquim Moreira Marques, e Ferreira Lima. Declarados os nomes dos novos proprietarios, cujo amor pela industria todos conhecem, é facil descobrir que o risco da liquidação fôra desviado, e que uma sociedade se constituiu, sem demora e com solidas bases. Setecentas e cincoenta acções, de duzentos mil réis cada uma, formaram o capital de cento e cincoenta contos, sufficiente para a laboração.

Sob a direcção dos srs. Moreira Marques, Antonio Ferreira Lima, e Alexandre Black, a companhia tem prosperado. Quiz a sorte que o arrojo dos fundadores não fosse punido. Do valioso apoio dos installadores da companhia resultou o progresso de uma industria, que por algum tempo estivera em risco de ser annullada.

Notamos o facto para gloria de todos. Quantos estabelecimentos, com auspicioso futuro, succumbem por falta de apoio! Quantas emprezas, habilmente intentadas, e bem dirigidas, acham na liquidação forçada a ruina, que uma discreta associação dos interessados poderia evitar! E' tão frequente, e tão perniciosa, a prática de liquidar precipitadamente, que se deve notar sempre, e applaudir, e citar para exemplo, qualquer caso em que os credores prudentemente resolvem associar-se, e manter os estabelecimentos, firmando o seu credito pela correcção do primitivo defeito.

E acreditem — esse primitivo defeito é quasi sempre a falta de capital. A desordem na gerencia vem ordinariamente d'ahi. O primeiro encargo, superior ás forças da empreza, exige um primeiro sacrificio, deste resultam novas operações aleatorias e ruinosas, e quando chega a hora do perigo, tudo quanto se considera, com fundamento, irregular e algumas vezes reprehensivel, é a consequencia inevitavel, legitima, da ausencia do capital necessario para fundação e custeamento da empreza.

Os capitalistas, que podem fundar estabelecimentos, fogem da industria.

Os que se atrevem a instituir emprezas fabris não podem dispôr dos capitaes, que as suas emprezas reclamam.

D'ahi as difficuldades, e a lucta, em que tantos succumbem, e o nosso atrazo nas artes, e o viver amargurado de muitos, que veriam prosperar os seus estabelecimentos se não lhes faltasse o principal elemento de vida.

Voltemos a nossa attenção para a fabrica de Xabregas, que deu ensejo para estas considerações, vejamos o que ella expoz no Porto, o que produz, e quaes são os meios de que dispõe para a producção. Assim ficará completa a historia.

A collecção dos artefactos desta fabrica abrange fios de algodão de todos os numeros, até n.º 40, que ella fornece aos fabricantes de tecidos, em meadas, massos, carretes, e maçarocas, crus, branqueados, ou de côres, nas quantidades que a industria requer. Além do fio a fabrica expõe panninhos de côres, lustrosos, para forros e algodões crus.

Para dar movimento ao seu machinismo dispõe a fabrica de Xabregas de uma machina de vapor, da força de trinta e seis cavallos, que reclama annualmente mil toneladas de carvão.

O machinismo compõe-se de quinze cardas, cinco engenhos de trama com fusos 2:500, dez bancas de ordidura com 2:500 fusos, calandra, duas bancas de torcer com 300 fusos, engenho de gommar, dornas para tinturaria, e vinte e quatro teares.

As materias primas, que esta fabrica annualmente emprega, são: 110:000 kilogrammas de algodão, do Brazil, E-tados Unidos, China, e Africa, comprado nos mercados de Lisboa, Porto, e Liverpool; 12:000 a 15:000 peças de algodões tecidos crus de Inglaterra, e as seguintes substancias para a tinturaria:

Acido sulphurico.....	800	kilogr.
Soda.....	1:000	»
Caparosa.....	2:900	»
Chlorureto de cal....	300	»
Pau campeche.....	3:200	»
Sumagre.....	1:800	»
Pau amarello.....	1:000	»
Caoutchouc.....	600	»
Açafroa.....	150	»
Acetato de ferro....	3:000	»
Farinha.....	2:000	»
Anil.....	300	»

A sua producção annual é representada por cem mil kilogrammas de fio, em trama e ordidura, cinco mil e duzentas peças de algodões crus, e quinze mil peças de panninhos de côres.

Para produzir estas quantidades são empregados no trabalho regular 150 operarios:

Homens..	30	com salario de	300 a 800	réis
Mulheres.	45	» »	de 120 a 200	»
Rapazes..	40	» »	de 80 a 220	»
Raparigas	35	» »	de 80 a 150	»

Attendendo ao excessivo preço das rendas de casas, a benemerita direcção desta fabrica aforou um terreno, proximo do estabelecimento, onde já tem construido vinte e quatro quartos, de moderada renda, e em boas condições, para a residencia dos obreiros, a quem os aluga.

Os operarios, da boa nota, que adoecem no serviço da fabrica, são soccorridos com os remedios, e visitados por conta do estabelecimento. Aos impossibilitados abona-se o jornal.

No anno de 1863 fez esta companhia um relevante serviço. Quando quasi todas as fabricas suspendiam o seu trabalho, ou deixavam de vender fio, por ser excessivo o preço do algodão em rama, a Companhia de Xabregas augmentava a sua fiação, vendia fio aos fabricantes de tecidos, e facititando assim as experiencias nos mixtos, ajudava a pequena industria, e desviava os mais terriveis effeitos da crise.

Os que se recordam da situação deploravel, em que ficaram então os operarios do Porto, poderão avaliar a importancia deste acto, pelo qual a companhia soube sacrificar opportunamente avultados interesses, que uma facil especulação offerecia aos que tinham depositos.

Em 1862 foi esta fabrica premiada no Porto com a medalha de prata. Em 1863, na exposição de Lisboa, obteve egual distincção.

Os dividendos distribuidos aos accionistas constam do seguinte mappa:

1858 — 5 p. c. ou	10$000 por acção
1859 — 6 p. c. ou	12$000 por acção
1860 — 8 p. c. ou	16$000 por acção
1861 — 10 p. c. ou	20$000 por acção
1862 — 9 p. c. ou	18$000 por acção
1863 — 6 p. c. ou	12$000 por acção
1864 — 4 p. c. ou	8$000 por acção

Note-se que os ultimos trez annos são os da crise algodoeira, que destruiu muitas fabricas, e suspendeu em quasi todas o lucro. São honrosos, para a gerencia, os resultados que o mappa revela.

Como exemplo de emprezas que uma prudente associação salvou, citamos a de Xabregas, e a *Companhia Industrial Lisbonense*. Pouco diremos desta para que não fique muito longo o artigo; mas diremos que a fabrica fundada em Lisboa, por um industrial muito laborioso, intelligente, illustrado, o sr. Beraud, esteve em risco de se perder, por uma liquidação forçada, e foi posta em salvo pelos credores, que tomaram a sensata resolução de inverter em acções os seus creditos, convertendo a empreza em sociedade, a qual depois se transformou na companhia anonyma, que funcciona hoje com o titulo acima escripto.

A liquidação, em 1863, de um estabelecimento, cujas vendas já então subiam a trinta contos, teria deixado na miseria o fundador, dando perdas de 75 p. c. aos credores. A constituição da sociedade deixou ao emprezario algum capital, deu-lhe uma regular posição como director, e salvou integralmente o capital dos interessados, que são hoje socios do seu devedor, e proprietarios de um estabelecimento, que prospéra, que já elevou suas vendas a quarenta contos, e que tem o seu credito firme, porque possue agora o capital, que primitivamente não tinha.

A Companhia Industrial Lisbonense mandou á exposição tecidos de pontos de meia: camisolas, meias, barretes, etc.

Bom será que não seja perdida a lição, que estes exemplos deixam.

FRADESSO DA SILVEIRA.

Commercio do Porto.)

Segunda parte do discurso pronunciado pelo sr. ministro da fazenda, Fontes Pereira de Mello, na sessão de 7 de dezembro ultimo a respeito da novação do contrato das linhas ferreas do sul e sueste.

(Continuado do num. antecedente.)

Quando uma linha que atravessa bons territorios, sob o ponto de vista de exploração, e tendo já um certo producto bruto kilometrico é continuada por outra linha que vae atravessar terrenos pobres, é manifesto que este accrescimo ha de prejudical-a. Não ha duvida. Mas a linha de ferro de sueste não se acha n'este caso, antes é o contrario que se dá, porque ella atravessa hoje grandes e extensas charnecas, completamente ermas, e ha de depois atravesar terrenos mais ferteis, abundantes e populosos: e por isso não se lhe póde applicar o principio, aliás contestavel, de que o caminho de ferro á proporção que se alongar, deverá diminuir de producto bruto kilometrico. O contrario succede á linha de ferro do norte. Esta linha liga as duas principaes cidades do reino, Lisboa, e Porto, passa por Coimbra e Aveiro, e todos sabem como é pouco povoada e cultivada a parte do territorio comprehendida entre Pombal e o Porto, mas sobretudo no trato de terreno que vae de Coimbra até ao Porto... Ora esta linha que atravessa territorios pouco abundantes em população, continua exactamente por outros pontos d'onde ella ha de receber grande importancia e desenvolvimento, logo que se abrir o caminho de ferro internacional; mas emquanto se não abrir esse caminho, os territorios atravessados pela linha sendo pobres e pouco populosos, acontece que o seu prolongamento se mantem em parte á custa da porção mais afortunada da linha. A linha do sul e sueste não se acha neste caso, repito; e pelo contrario prolonga-se por terrenos mais abundantes, mais festeis e mais populosos.

Todos sabem que sómente os 70 kilometros da linha do sueste, que vão desde o Barreiro até ás Vendas Nova, é que atravessam constantemente um areial deserto, despovoado, inculto e onde apenas nestes ultimos annos — graças ao poder creador do caminho de ferro (apoiados) — uma parte é já cultivada por algumas familias vindas da Beira, de Aveiro, as quaes estabelecendo-se nas visinhanças do caminho, têem feito florescer com o seu trabalho o territorio adjacente. Esta é a verdade dos factos, e todos a conhecem.

E-tou certo que não ha ninguem nesta camara que não tenha atravessado uma ou mais vezes o caminho de ferro do sul (apoiados).

E me dizias: «sou teu»
Não te esqueço! o amor materno
Dá-me luz que é santa e pura;
Mas comtigo ha mais ventura,
E' mais doce a luz do ceu.

Olha, escuta,—quando á tarde
Vou divagar na campina,
Onde outr'ora pequenina
Fui tantos annos brincar,
Não sei, amor, por que choro,
Que tristeza sem motivo
Me faz o olhar pensativo,
E o rosto na mão firmar.

Minha mãe beija-me inquieta:
— « Por que scismas? por que choras?
« Não passes tão triste as horas....
« Anda, folga, eu vou tambem.
« Não vês tu que me entristeces,
« Filha, filha, minha vida?....»
E eu beijo-a então commovida,...
Bem sabes que é minha mãe!

Depois — á noite, sentada
Junto da minha janella,
Quando a lua amena e bella
Começa a romper no ceu,
Penso em ti, penso nas tardes
Em que a teu peito me unias,
Quando alegre me dizias:
« Sê minha como eu sou teu!»

Fico assim por largas horas
Vendo sempre a tua imagem;
Tua voz vôa na aragem,
Tudo que é teu me sorri.
Ai, não te esqueças, Fernando,
Da que suspira na ausencia
Pelos dias de innocencia,
Passados junto de ti.

Em breve parto, não tarda
Que outra vez seja comtigo;
E' só lá que eu tenho abrigo,
E' só lá que eu encontro lar.
Como andorinha inconstante
Fujo rapida á campina,
Onde outr'ora pequenina
Fui tantos annos brincar!

Mãe, passado, amor, socego,
Irmãos da infancia querida,
A cruz singela da ermida
A cuja sombra cresci,
Os lyrios da minha encosta,
Minha lareira d'inverno,
Digo a tudo o adeus eterno,
Tudo me esquece por ti!

Pobre amor, quantas saudades
Te andarão tristes ralando!...
Não chores, não, meu Fernando,
Não chores, te peço eu.
Inda teremos na vida
Todo o fulgor d'esses dias
Em que alegre me dizias:
« Sê minha como eu sou teu!»

Mentiram as lisongeiras esperanças da extremosa Helena. Tornou a ver o seu amante, porém o *fulgôr dos dias fanados* é que não voltou.

Fernando morre, e a sua pobre amiga sobrevive a esse golpe, sentindo correr os dias entre lagrimas e tristissimas saudades!

Como este canto, tem outros as *Folhas Soltas*, que revellam um sentimento delicadissimo do bello, grande harmonia e graça de fórma.

Outro poeta, que ainda não veio a publico, mas que eu me apresso a annunciar-te, é um moço de vinte annos, José Maria de Sousa Monteiro, que tratou alguns assumptos biblicos com grande felicidade.

Ha poucos dias veio lêr-me os seus inspirados cantos. Ao talento natural reune uma educação litteraria, notavel em toda a parte, e rarissima entre nós.

A historia de Ruth, a nora de Noemi, aquella que vae respigar na seara de Boós, para sustentar a que lhe ficou em logar de mãe, é um canto simples, como convem que seja, mas de subido valor.

Outro dos seus poemas é Respha; Respha, aquella desventurada mãe, que, seis mezes se conserva ao lado dos filhos crucificados, para que os abutres não venham devorar as carnes desses que palpitaram — nas suas entranhas.

Oxalá que o auctor publique, quanto antes, o seu livro, por que me parece que ha de ser uma felicissima estreia.

Eu não perdi ainda as illusões a respeito de nosso futuro litterario. Alguns talentos, andam, é verdade, por errado caminho; mas como talentos que são, mais cedo ou mais tarde, hão de atinar com a verdadeira derrota, principalmente se a critica deixar de ser o que tem sido em geral até aqui.

A terra é pequena e a gente d'ella não é grande, como diz o Garrett. Critica justa e desassombrada poucos a fazem. Ou a verrina venenosa e desbragada, ou o elogio servil e arrastado.

Apreciar um livro sem pensar nas relações que possam haver com o auctor, é coisa difficil entre nós.

E todos, mais ou menos, somos culpados neste mau habito de guardarmos as chamadas «conveniencias», e de julgarmos a obra mais em relação ao grau de estima que temos com quem a escreveu, do que ao valor intrinseco d'essa obra.

E como o habito é geral, quando aparece alguem que aprecia severa e imparcialmente, classificam de insolito o seu procedimento.

Uma das coisas que é preciso, e já, já, punir desapiedadamente, é este abuso de palavras e phrases obsoletas, e os classissismos mettidos á cunha, tão reprehensiveis, a meu ver, no estylo hodierno, como os francezismos escusados e piegas.

A mania de accumular citações, com as notas de certos auctores, e com os catálogos annuaes de Allemanha, é outro flagello.

O processo é simples. Compra-se um dos sobreditos catálogos; pede-se a um amigo que saiba allemão que nol-o traduza, e a proposito de uma futilidade diz-se:

«Quem quizer entender esta obra leia vinte volumes.»

O auctor da famosa obra nem sequer conhece a lingua em que foram escriptos esses volumes, que ainda não estão traduzidos.

Já é ser patarata!

Vae longa esta carta, e o que é peor, não te fallei em muitas coisas que tinha em mente fallar-te.

Para a outra vez, que será muito breve.

Adeus, adeus

Teu

BULHÃO PATO.

Portanto, senhores, ponhamos as cousas nos seus devidos termos, e apreciemos os territorios que o caminho de ferro atravessa, como elles são, e não de um modo absoluto e abstracto sem respeito nem pelo valor da população, nem pela fertilidade do solo, nem pela importancia da sua cultura. Estes são os principios que me parecem os mais salutares e verdadeiros.

Mas perguntar-me-hão: acaso esse caminho de ferro do norte poderá crescer com maior desenvolvimento e intensidade? Eu direi que sim. E logo apresentarei á camara as estatisticas necessarias para poder julgar do movimento actual comparado com o anterior. Peço á camara que as aprecie com despreoccupação, e eu em breve lhe indicarei os correctivos que julgo necessarios para se poder apreciar no seu devido valor o resultado dessas estatisticas.

Já se ouviu o que diz do caminho de ferro do norte o sr. Gromicho Conceiro, engenheiro chefe daquella linha. Portanto é official.

Comparo agora o rendimento bruto kilometrico do caminho de ferro do sul e sueste nos dois annos de 1864 e 1865, e comparo-os nos dois semestres, no segundo de 1864 e no segundo de 1865. Perguntar-se-me-ha porque procedo assim? Procedo desta arte para que a comparação seja mais fiel. O semestre de 1864 não está completamente em relação com o de 1865, relativamente ao caminho de ferro do sueste, por quanto algumas das linhas não foram abertas no mesmo semestre; e por isso as inducções para serem rigorosas devem referir-se a termos comparaveis.

Neste sentido vou expôr á camara o movimento dos dois annos e o rendimento dos dois semestres a que me refiro.

No anno de 1864 a 1865 o producto bruto kilometrico rendeu 194:334$960 réis. Mas note-se que o imposto do transito está comprehendido em ambos os annos, e por isso o resultado está reduzido ao mesmo denominador, réis 194:334960.

Comparada esta cifra com o producto bruto do anno corrente, que é já de réis 167:147$460, ao qual juntando por uma media dos dez mezes anteriores o respectivo aos mezes de novembro e desembro ou 33:429$952 réis, dará por somma total 200:576$952 réis, cuja differença para o rendimento do anno de 1864 a 1865 é de 6:241$992 réis para mais, o que quer dizer 3 por cento de augmento; é em todo o caso um manifesto augmento, apesar de que na primeira epoca não se achou em exploração completa toda a linha.

Agora comparo o segundo semestre de 1864 com o segundo semestre de 1865, em que a exploração foi completa, tenho apenas de calcular por media o correspondente aos dois ultimos mezes.

No segundo semestre de 1854 o caminho de ferro rendeu 97:986$700 réis e no segundo semestre de 1865 renderá, pelo que já rendeu, considerando a media para os dois ultimos mezes, 102:451$072, réis. Quer dizer, que o augmento neste ultimo semestre é de 4:454$372 réis, ou, duplicando esta quantia para termos o rendimento de um anno inteiro 8:928$744 réis, o que dá proximamente 4 1/2 por cento de augmento.

Aqui tem agora a camara dois termos que eu apresento como indicativo do que se póde presumir de rasoavel ácerca do augmento para as linhas de ferro de Portugal.

Na linha ferrea de leste e norte o augmento é de 15 por cento, comparando-se um anno com outro. Na do sul e sueste o augmento é de 4 por cento, comparando-se os segundos semestres.

Eu já disse á camara que tinha aqui elementos para a informar de qual era o rendimento do caminho de ferro do norte nos ultimos annos, semana por semana; mas isto que póde servir para corroborar, e de certo modo contraprovar os meus calculos, não serve para base de argumentação, porque é assaz fallivel.

Na semana de 4 a 10 de outubro o caminho de ferro rendeu mais do que na semana correspondente do anno passado 4:531$551 réis, ou 461$498 réis por kilometro e por anno; na de 5 a 11 de novembro 4:302$883 réis; na de 12 a 18 de novembro 7:308$634 réis.

O rendimento é progressivo, augmenta, tem augmentado sempre, e n'uma proporção muito mais directa e rapida do que suppozemos.

Bem sei que a camara me poderá dizer: «E' a exposição do Porto que faz augmentar o rendimento do caminho de ferro.» Pois eu digo: Sim, senhores, mas a exposição do Porto é o caminho de ferro».

Peço a qualquer sr. deputado que me diga, com a mão na consciencia, se julga possivel a exposição do Porto não havendo o caminho de ferro do norte? Se alguem iria áquella cidade por uma barra infamada pela historia de mil naufragios desastrosos, ou por caminhos onde o viajante corria o risco de se precipitar em abysmos a cada instante?

Sem esse grande meio de communicação, estas festas da vida industrial dos povos seriam mesquinhas senão impossiveis.

Sem elle, não teriamos nós logrado a satisfação de ter ido á exposição internacional do Porto, para a qual peço licença de me inclinar agora cheio de jubilo e enthusiasmo, por ver que aquella cidade que tem sempre sido a primeira na iniciativa dos grandes melhoramentos nacionaes e na sustenção das liberdades patrias, achou ensejo para levantar no nosso paiz um monumento á civilisação moderna, porventura o mais proprio, o mais rico, e o mais importante de todos quantos nos ultimos tempos se têem concebido e executado em Portugal (muitos apoiados). — Vozes: — muito bem.

Eu confesso que não acreditava muito, e sou daquelles que creem vivamente no futuro, na exposição do Porto. Pois quando, senhores, entrei pela primeira vez as portas do palacio da industria fiquei completamente maravilhado, e senti bater de jubilo o meu coração de portuguez (muitos apoiados), por ver que nesta terra ainda ha fé viva no progresso, assim como o attesta esse monumento de paz levantado no Porto, que é tão digno do seculo como da nação que o realisou (prolongados applausos).

Isto não é engrandecer a exposição alem dos seus limites verdadeiros, não é dizer que a exposição do Porto seja a exposição de Londres e Paris; não podiamos ter a pretenção de competir com aquelles dois grandes paizes nos maiores acontecimentos do seculo; mas é lembrar, senhores, o facto, e admirar sobretudo o nobre arrojo e a patriotica audacia de que deram testemunho aquelles que emprehenderam esse grande commettimento que é bem digno de ser commemorado mais uma vez no seio da representação nacional (apoiados). Repito, a exposição do Porto é o caminho de ferro norte; e se ella veio ajudar o caminho do norte, este tornou-se possivel, e fel-a nascer.

Os illustres deputados disseram mais de uma vez que o governo se tinha esquecido de ouvir todas as pessoas competentes e technicas sobre o objecto de que se trata (creio que se referiam á falta que o governo commetteu de não ter consultado o conselho de obras publicas e minas). E' verdade que assim aconteceu; porém é verdade tambem, e declara-o a camara que por o governo se convencer, de que o negocio de que se tratava era uma questão puramente financeira. Assim tem sido considerada este these pelos cavalheiros que têem tomado parte no debate (apoiados).

O conselho de obras publicas e minas não seria por certo o mais competente officialmente para aconselhar o governo em uma questão de finanças. Eu digo a verdade á camara porque sou sincero: quando ouvi por parte de meus antagonistas este reparo, accusando-se-me de leviandade e precipitação... eu não sei se ainda sou precipitado no sentido ao menos em que o julgavam alguns dos meus amigos, mas creio que não sou; fiquei magoado, dizia; por me ter esquecido de consultar n'este negocio o conselho de obras publicas do reino, visto que esse procedimento podia ser agradavel aos illustres deputados meus contradictores, e talvez então que essa circumstancia podesse attenuar um pouco os attrictos que esta questão veiu encontrar no parlamento.

Mandei buscar ao conselho de obras publicas a consulta que precedeu o contracto technico de 1864, aquelle, senhores, que trata da largura das vias, pelo dos carris, altura do balastro intradorso das abobedas, e não encontrei a consulta. Não ha cousa nenhuma! Pois os meus adversarios accusam-me de eu não ter consultado o conselho de obras publicas, e minas em uma questão de finanças, e fizeram o contracto technico sem o ouvirem? (Apoiados). E' uma cousa que parece impossivel! Traga-me então a consulta do conselho de obras publicas, que precedeu a apresentação do contracto de 1860, disse eu, e não fui mais feliz. Não se fez consulta nenhuma responderam-me! E' notavel (apoiados). Só o governo de que tenho a honra de fazer parte é que tinha obrigação de ouvir o conselho de obras publicas e minas em todos os assumptos propriamente technicos e da sua competencia, os quaes só deviam ser sujeitos á approvação do parlamento, auctorisados com o competente exame d'essa illustre corporação (apoiados). Parece-me portanto á vista do que levo exposto que os illustres deputados não podem censurar, com muita rasão, o governo por não ter ouvido o conselho de obras publicas n'esta questão, reconhecendo aliás a sua muita competencia, como reconhece, para dar valioso parecer sobre todas as questões technicas que dizem respeito a contractos de caminhos de ferro e outras obras publicas. Sou, creio eu, amigo de todos os membros do conselho de obras publicas, e de todos respeito o caracter, inteireza e probidade. Mas preferi a consultal-o, o ouvir a opinião de outros homens muito competentes sobre o negocio sujeito.

Tratando de saber qual seria o movimento progressivo do rendimento bruto kilometrico do caminho de ferro de sueste, pareceu-me que ninguem seria mais competente para ser ouvido do que o sr. Canto, engenheiro director da exploração d'aquella linha durante alguns annos por conta do estado, e o mesmo tambem que a fiscalisou quando o caminho era explorado por conta das companhias.

Aqui está o que diz o sr. Canto n'uma nota que tenho presente, a qual peço licença para lêr á camara (lêu).

Esta é a opinião do sr. Canto, explorador da linha, que a dirigiu por muitos annos, e que calcula o producto bruto kilometrico em cerca de 1:990$840 réis, exactamente como o governo calculou, com differença apenas de alguns mil réis; e note-se que os calculos do sr. Canto, por outro lado, não são muito vantajosos ao caminho de ferro. (*Continúa*)

Monumento a Bocage

Vae ser erigido um monumento a Bocage!

E' um pensamento resplendente de veneração por aquella gloria de Portugal, é um tributo de admiração por aquelle genio da poesia, é uma grandiosa ideia—a de mandar á posteridade a lembrança d'aquelle astro esplendoroso do genio, que um dia fulgurou no ceu de Portugal!

Como o Camões, como o Tasso, como quazi todos os talentos assombrosos, Bocage foi infeliz; mas sobre as cinzas de Camões dormiu muito tempo a patria deslembrada do filho que tanto lhe quiz sempre, e sobre a louza do inimitavel arcade vae levantar-se um monumento!

Bocage, poeta, cujo estro não deixará nunca de ser admirado, vae ter um monumento! Mas não é a patria que lh'o ergue. As melodias desferidas da lyra do vate infeliz, e que hão de atravessar os seculos em sonorosas vibrações, não lh'as ouviu a patria. Ouve-lh'as quem tem o ouvido attento ás toadas inspiradas do grande arcade; ouve-lh'as quem, abrindo a historia da litteratura portugueza, vê, entre os primeiros nomes que lhe enricam as paginas, o do harmonioso vate.

E' no Brazil, onde nasceu o pensamento de se elevar uma estatua á memoria de Bocage.

Esta ideia é devida ao sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, que longe de Portugal, recorda-se das glorias do seu paiz, e não quer que a memoria do inspirado bardo passe aos vindouros só nas paginas das obras do poeta; quer-lhe a lembrança *perpetuada no marmore e no bronze*.

Honra ao iniciador d'este grandioso pensamento.

Em dias do mez de setembro, na cidade do Rio de Janeiro celebrava-se uma festa litteraria em honra á lyra de Bocage.

Os amigos das lettras e de nossas antigas glorias haviam sido convidados para uma reunião nas salas do Club Fluminense, pelo sr. conselheiro José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, em seu nome e no de seu irmão o sr. dr. Antonio Feliciano de Castilho, de quem, como s. ex.ª annunciou, recebera aquelle honroso encargo.

Tudo concorria para aquecer os animos nessa eloquente contemplação do passado.

A illustre personagem que apparecia á frente de tão generoso movimento conquistára de ha muito a admiração dos contemporaneos. As musas carinhosas lhe embalaram o berço, e na existencia litteraria do illustre cego engastaram innumeras joias do mais fino quilate. Alma sempre nova, espirito sempre audaz, talento sempre fecundo, ainda sonha o grande, o ideal. Não cansou. Não descreu. Não se assentou alquebrado á beira da estrada, nem se recolheu ao sombrio silencio da ironia. Antes caminha sempre, carregado de tropheus, saudando com fervor a geração que tem ancia de poesia e de futuro. Os olhos, que para a luz se fecharam, fitou-os elle em outro ceu mais limpido.

Ainda agora se nos revelava o Ovidio portuguez, e lá do seu Tibur nos convidava para a festa do passado.

A data em que nos reuniamos era solemne. O dia 15 de setembro de 1865 completava o seculo do nascimento de Bocage. Eramos pois convivas de um jubileu litterario, cerimonia poetica, e original entre nós.

Não podia ficar esteril a saudação que dirigiamos á sombra de Elmano. O sr. conselheiro Castilho expoz a nobre ideia de perpetuar no marmore e no bronze a veneração da posteridade ao assombroso poeta. Foi calorosamente abraçada. O plano do monumento apresentado por s. ex.ª circulou pela assembléa. E' simples, elegante e modesto. Uma escadaria de marmore leva por quatro degraus a um atrio, onde oito columnas de ordem jonica sustentam uma cupula, sobre a qual se eleva a musa da poesia, com a mão esquerda apoiada em uma lyra, e a direita alçada, empunhando uma corôa. Ao meio do atrio, e sobre um pedestal quadrangular, em cujas faces se lêrão versos do poeta, ergue-se o busto de bronze de Bocage.

Desde logo foi acclamada uma commissão para levar o effeito o magnifico pensamento.

Sem duvida merece Bocage essa oblação eloquente, ainda que singela. Aquelles que se acharam no caminho do poeta percebiam nelle o deus interior, presentiam a chamma sagrada a incendiar-lhe o cerebro, a crepitar no verso que lhe rebentava de improviso, a fulgurar em seus olhos azues, que pareciam reflectir a immensidade. Esse homem, que alli andava na turba, tinha a *mens divinior*. Em torno d'elle havia o circulo do espanto.

Cabia á futura geração consagrar aquelle sentimento. O renome de Elmano passou pelo chrysol da posteridade. Entre nós e o berço do poeta se estende um seculo. Pois a figura de Bocage, de tão inspirada, de tão grandiosa, assumiu a nossos olhos proporções legendarias. E' quasi um ente phantastico!

Para aquelle homem a musa não tinha segredos; de seus labios brotava em jorros a poesia; a murmurosa lympha da Castalia despenhava-se-lhe em catadupas.

Seus livros ahi ficaram; attestam muito alto aquelle maravilhoso ingenho e a febril inspiração que lhe transbordava da alma. Para elle não havia barreiras. Os horizontes, por mais remotos, era fital-os, e ao olhar do genio se rasgavam luminosos.

Mas nem sempre pairava nas regiões olympicas aquella soberba phantasia. Roçou de perto, e não raro, as miserias humanas, e nisso sentia singular prazer. Genio inquieto, louco, devorado de scismas, deixava-se arrastar pelo *tropel das paixões*, como elle proprio murmurou em hora de tristeza naquelles versos que todos nós sabemos. Rastejava então pôr sobre o pó da terra. Zunia de seus labios o o epigramma como uma uma setta hervada. Sua risada mordia devéras.

O soneto nascia-lhe de um jacto e primoroso. Ora parecia o fasciculo das varas com que se comprazia em flagellar o vicio, ora um festão de lindas rosas, como que entrelaçando suspirados amores. Cansado da terra, fugia-lhe a alma então para as nuvens douradas. A cantata serena o enlevava manso e manso; a ode pomposa o arrebatava no turbilhão de fogo; e ouvidos terrestres procuravam o bardo nas regiões do ideal.

Tal foi Bocage.

Onde pára aquelle craneo vulcão... ninguem o sabe. Não se desfolham goivos sobre a lousa que encobre as cinzas do poeta. Pois levante-se na terra do seu berço a pedra symbolica do futuro. E' um tributo esse que lhe devem duas nações: Portugal e Brazil.

A ideia do monumento a Bocage deve acordar profundas sympathias áquem e além do Atlantico. Bocage não é o representante de uma nacionalidade: é o filho sublime de uma raça. Suas glorias não se acham prezas em mesquinhas circumscripções geographicas: pertencem á lingua harmoniosa que fallam dois povos irmãos.

Alma errante nos paramos da poesia, assim lhe correu a penosa vida. Aqui na plaga brazileira viveu tambem Elmano; respirou d'este ar embalsemado; nos seus inspirados cantos flammeja o raio quente d'este sol.

Uma vez ainda — e agora em nome da poesia — abracem-se brasileiros e portuguezes.

Não é faustoso monumento o que se quer levantar á memoria do divino cantor; não é a traducção d'aquelle estro em marmore, pois que o estro ahi ficou no mundo, traduzido em versos immortaes: é uma offerenda singela do futuro, que só colherá esplendores da ideia que symboliza; um tributo gracioso e modesto; uma pedra que vai alegrar os manes queixosos do bardo, e ás duas nações pesará bem pouco.

Rio de Janeiro — outubro de 1865.

Pedro Luiz.

Actos Officiaes

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 1 de 2 de janeiro

REINO

Allocuções dirigadas a S. M. El-Rei o Senhor D. Luiz I, no Paço da Ajuda, em o dia 1 do corrente, por motivo de boas festas e bons annos e por occasião do seu regresso a Lisboa, na volta da sua viagem a differentes côrtes da Europa.

MINISTERIO DA FAZENDA

Venda no dia 7 de fevereiro proximo de bens pertencentes á fazenda, sitos nos districtos de Braga, Vianna do Castello e Villa Real.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 2 de 3 de janeiro

CÔRTES GERAES

Sessão real da abertura da sessão ordinaria do anno de 1866.

NEGOCIOS ESTRANGEIROS

Relação nominal dos subditos portuguezes fallecidos no Rio de Janeiro desde 1 até 30 de novembro de 1865.

Synopse da parte official do «Diario de Lisboa» n.º 3 de 4 de janeiro

MINISTERIO DO REINO

Aviso á côrte de que S. M. tenciona assistir á festividade de Reis, que ha de celebrar-se na egreja da Santa Sé patriarchal hoje, 6 do corrente.

—Portaria louvando em nome de El-Rei o administrador do concelho, os funccionarios publicos e os particulares que prestaram serviços durante a epidemia que ultimamente affligiu a praça de Elvas.

MINISTERIO DA FAZENDA

Continuação do annuncio do pagamento dos vencimentos do mez de dezembro ultimo a diversas classes.

MARINHA E ULTRAMAR

Noticias de Macau.

— Auto da vistoria feita á cantaria que se acha embarcada na barca portugueza «Flor de Loanda», com destino para o hospital de Angola.

Exterior

A abertura do parlamento prussiano ha de ter logar no dia 15 deste mez.

Em quanto á attitude que o parlamento tomará, diz-se que uma parte da antiga opposição favorecerá o ministerio com relação á questão dos ducados, e que preferirão a questão nacional á questão liberal.

Não obstante, porém, estas circumstancias que parecem modificar algum tanto a situação na Prussia, é muito provavel que continuará a haver antagonismo entre a camara e o ministerio, em virtude de um dos partidos do parlamento, o feudal, se mostrar pouco inclinado a fazer concessões no sentido reclamado pela camara, por causa de direitos que elle diz pertencerem-lhe.

Fez alguma sensação em Berlim a noticia da possibilidade de se fazer uma alliança entre a França e a Austria. Parece que deu occasião a este boato a emissão do emprestimo austriaco em França. Fallava-se na auctorisação do governo para essa commissão, e dizia-se que o imperador Francisco José agradecera ao imperador Napoleão os serviços que lhe havia prestado, concluindo-se disto que os dois imperadores tinham vindo a um accordo, e que o principe imperial da França recebera uma grã-cruz da ordem de Santo Estevão.

Ao passo que em Berlim se falla neste sentido, os jornaes de Pariz manifestam ideias pouco conformes com estes boatos. Dizem que este negocio não é de tão facil resolução como se pensa, e que a alliança que se teme em Berlim tem pouca razão de ser, porque tal alliança importaria uma completa mudança na politica externa da Austria, o que não é facil operar-se, attendendo ao pouco desejo que o governo de Vienna tem que se leve ao cabo tal alliança.

Está, pois, a Allemanha agitada por encontradas paixões politicas. O gabinete prussiano parece que tem desejos de modificar as clausulas do convenio de Gastein, estabelecendo a posse definitiva do Schlisw para a Prussia, tratando assim de fazer um accordo na questão dos ducados.

Tem-se dito muitas vezes que a Austria não se recusaria a certas concessões; mas que de modo nenhum annuiria a que o estado permanente substituisse o estado provisorio actual.

Todas estas noticias, todas estas allusões parecem dar a conhecer que a Prussia avança, ou faz, ao menos, esforços por avançar, no caminho das conquistas, e que, manifestando uma politica em nada adversa, antes mui conforme com o principio allemão, põe sómente o fito em robustecer o seu poder, e em alargar as raias do seu territorio.

Parece que se preparam naquelle paiz novos episodios.

— Continua a crise ministerial na Italia. As difficuldades que se teem encontrado na reorganisação do gabinete são devidas ao modo como a Italia está fraccionada politicamente.

Parece impossivel nas actuaes circumstancias constituir o ministerio, a não serem tirados os seus membros da esquerda, ou então mudar-se totalmente de politica.

E' d'aqui que teem vindo as difficuldades com que Lamarmora, encarregado por Victor Manuel da organisação ministerial, tem luctado: é-lhe mui difficil combinar elementos distinctos: — direita e centro esquerdo.

Diz-se que se tem feito conferencias entre os chefes da esquerda e centro esquerdo; e se isto é verdade novas difficuldades devem surgir para organisação do gabinete.

—A dieta da Hungria foi adiada para o dia 1 de janeiro. O sr. Stentivany tomou posse da presidencia da camara dirigindo á assembleia um discurso muito conciliador.

Depois fallou o conde Andrassy que manifestou os principios politicos que devem servir de base á reconciliação da Austria e da Hungria.

São grandes os desejos de conciliação, mas não será facil realisal-os. Não obstante, diz-se, que o partido constitucional veio a um accordo sobre as concessões que se devem fazer á côrte de Vienna.

— Com relação ás desordens que tem suscitado a classe academica em Pariz diz a *Patria* o seguinte: «A aula de direito que se tinha fechado hontem, para que os estudantes podessem munir-se de suas auctorisações, a cuja apresentação eram obrigados, abriu-se novamente esta manhã ás 8 horas e 20 minutos.

«Não houve a menor manifestação externa. Foi no interior da escola que se fizeram as demonstrações de desapprovação contra as medidas do conselho academico que comprehenderam os seis estudantes.

Mr. Ortolan, professor do codigo pe-

nal, em balde tentou dar principio aos trabalhos do seu curso. As suas primeiras palavras foram inintelligiveis, em razão do barulho.

Nestas circumstancias desceu da cadeira e passados alguns instantes quiz occupal-a de novo. Mas recomeçando o barulho travou-se um dialogo entre o lente e os discipulos que bradavam em altos gritos: «Nada de curso.» Mr. Ortolan viu-se na necessidade de retirar-se.

«Diremos que nesta segunda tentativa, as palavras de conciliação que o lente dirigiu aos estudantes foram bem acolhidas; as respostas que se lhe deram provam que era a resolução do conselho academico e não a pessoa do lente que provocavam aquellas tumultuosas manifestações.

«O curso de mr. Colmet d'Aage do mesmo modo não póde ter logar. Logo que appareceu o lente na cadeira um dos estudante levantou-se, e declarou que em virtude da medida que recahira em alguns dos seus collegas estavam resolvidos a interromper os cursos. Depois de alguns esforços para dar principio á lição, mr. Colmet, vendo que não podia conseguir silencio, ausentou-se, e os estudantes sahiram tambem do amphitheatro sem motim.

«Deram-se os mesmos incidentes nas escolas de medicina. Ali não póde haver nenhum dos cursos. Os lentes tiveram de se retirar em vista das declarações formaes dos estudantes.»

— Noticias do Chili alcançando a 5 de novembro affirmam que o bloqueio continuava cada vez mais apertado. Diz-se que foram fuzilados dois pescadores chilenos por terem levado communicações que lhes dera um padre para o almirante Pereja. O governo chileno prohibiu todas as publicações com referencia ao estado das cousas do paiz.

— Consta que rebentára uma revolução em Hespanha.

Em outro logar desta folha referimos os boatos a este respeito.

Noticiario

Navios monstros. — Lê-se na *Gazeta de Portugal*: Ao parlamento inglez vae ser apresentado um projecto singular. Quer uma companhia estabelecer entre Douvres e Calais uma carreira regular de paquetes monstros, que receberão a bordo comboios inteiros dos caminhos de ferro. Assim nem viajantes nem mercadorias ficarão sujeitos a baldeações. Além d'esta vantagem alcançar-se-ha o supprimir quasi o enjôo do mar, porque em virtude das grandissimas dimensões dos vapores não haverá quasi balanço.

O systema de que trata é apenas a applicação em ponto grande do systema de *floating-Bridges* muito conhecido em Inglaterra e na America.

Em Portsmouth, por exemplo, os dois extremos oppostos da bahia que serve de porto militar estão unidos por meio de uma ponte fluctuante. A ponte recebe pessoas, cavallos, carruagens, fardos, e a hora determinada parte de uma para outra margem. Uma machina de vapor, collocada no meio da ponte, enrola em torno de um cabrestante um cabo preso nas duas margens, e assim faz mover a ponte.

Na America tambem se empregam grandes navios em fazer d'esse modo a travessia do Mississipi. Recebem em uma das margens wagons carregados de passageiros, e vão largal-os na margem opposta.

O projecto da companhia ingleza exigirá trabalhos especiaes de construcção em Calais. Parece tambem qua a companhia adoptará para os seus navios o modelo do *Great-Eastern* convenientemente modificado.

E' evidente que tendo os novos navios de transportar massas pesadas collocadas no convez, necessariamente deve ser mui baixo o seu centro de gravidade, e assim se approxima dos typos de navios submarinos.

Artilheria. — No polygno de Shœburyness, em Inglaterra houve curiosas experiencias de artilheria. A camara de que deve ser revestida o navio *Hercule* junto da linha de fluctuação resistiu aos tiros de canhão Armstrong de calibre 600. Este canhão pesa 22:000 kilos e arroja balas de 260 kilos. Para as experiencias empregam-se cargas de 43 kilos de polvora. A couraça tem de espessura 20 a 22 centimetros, e assenta sobre uma construcção de madeira composta de peças horisontaes e verticaes, e liga entre si por armações fortissimas de ferro. A espessura total é de mais de 4 pés inglezes.

Em todo o caso sir W. Armstrong não se dá por vencido, e propõe-se a augmentar o peso das balas e a carga da polvora. Resta saber se o canhão resistirá sem arrebentar.

Revolução em Hespanha. — Tem corrido o boato que rebentára uma revolução no reino visinho. Diz se que se insurreicionaram em Arajuez dois regimentos de cavallaria, e que se dirigiram a Valencia sendo perseguidos por uma divisão commandada pelo ministro da marinha, Zalava.

Diz-se tambem que o regimento de Avila se resolucionara e que partira para Zamora perseguido por uma força militar.

O grito da revolução é liberal, e ha quem diga que é tambem iberico.

Consta que a revolução fôra abafada, e corre tambem que ella progride. Não se sabe nada com certeza.

O general La Torre, diz o *Diario de Noticias* que ha dias se achava em Lisboa, tendo partido para Badajoz, foi ali prezo.

O que é certo é que a Hespanha estava de ha tempos singularmente agitada e que o governo hespanhol temia alguma revolução.

Ouçamos o que dizem differentes jornaes hespanhoes com relação ao estado pouco socegado do reino visinho:

«Diz *Las Novedades*, que se deu ordem para que durmam nos quarteis um capitão e dois subalternos. Isto é o que sempre succedeu.

«*La Democracia* diz que ha dias ás dez e meia foram chamados aos quarteis todos os commandantes e officiaes de guarnição, que se achavam no theatro.

«Diz *El Español*, que apesar das negativas, sabe e póde assegurar, que a tranquilidade está ameaçada de importantes desordens, não só em Barcelona e Saragoça, mas em Madrid e outras.

«Segundo diz *El Español*, o general O'Donnell não está muito satisfeito com a vinda da rainha mãe a Hespanha.

«Ao general Nouvillos foi destinado um quartel fóra da capital».

Lê-se na *Correspondencia*:

«*La Epoca* affirma saber positivamente que o monarcha lusitano manifestára, segundo parece, á nossa augusta soberana, que dois motivos principalmente o tinham trazido a esta côrte: o primeiro era dar uma demonstração publica de consideração e affecto á rainha e á sua real familia; o segundo era protestar deste modo contra tramas e projectos em que não toma parte, e que condemna energica e severamente.

«Nós podemos acrescentar, continúa a dizer o mesmo jornal, que um dos personagens mais notaveis da legação portugueza em Madrid nos assegurou que a El-Rei D. Luiz tinham desagradado as demonstrações que se lhe haviam feito, as quaes o collocavam n'uma situação mui embaraçosa. Tambem nos affirmou que os personagens politicos mais importantes do reino visinho, como em geral, o povo lusitano, eram muito pouco simpathicos á ideia da união iberica.»

«Parece que hontem estiveram o sr. Castellar e outros jornalistas, a fazer declarações, em consequencia das insinuações apresentadas por alguns jornaes a respeito de certos vivas, que se diz foram dados no dia em que passaram por Madrid os reis de Portugal.»

Ao sr. reitor do Lyceu. — Veio hoje ao nosso escriptorio um chefe de familia pedir-nos para chamarmos a attenção do sr. reitor do Lyceu para o modo por que o sr. Antonio Maria dos Santos Freire, rege a sua escola d'instrucção primaria. Parece que o sr. Freire descuida bastante a educação litteraria dos seus descipulos, entretendo-se a maior parte do tempo que dura a aula a leccionar alguns estudantes de cursos superiores, que para esse fim lhe pagam.

Se isto é assim, como nos affiançaram, cumpre decerto ao sr. reitor providenciar. O facto é duplamente reprehensivel. Como se sabe, a lei prohibe aos professores publicos o ensino particular, mas se isto é tolerado em muitos outros professores, que ao menos o sr. Freire não subtraia ao ensino obrigatorio o tempo que emprega n'essas lições particulares.

Carnes verdes. — Consta que ha dias foi intimado o sr. Neves, proprietario do novo talho que ha nesta cidade para o fechar, a titulo de não ter pago á camara os reaes das rezes mortas.

Julgâmos que a camara não tem para isto direito. A camara póde demandar o proprietario do talho se elle lhe é devedor, mas não póde tolher-lhe a liberdade de vender carne, nem obrigal-o a fechar o talho.

Parece que a camara se empenha em retirar o sr. Neves de fazer concorrencia aos outros marchantes, e que já lhe tem feito diversas *arrelias* para o desgostar, e obrigal-o a fechar o talho.

Custa-nos, porém, a accreditar. Se é verdade, o sr. Neves que lh'o agradeça.

O que é incontestavel é que o sr. Neves, com o seu talho, está prestando aos habitantes da cidade um grande serviço, e que portanto era digno d'alguma contemplação. Se elle o fechar, Deus sabe o preço a que logo subirá a carne!

Associação aveirense de soccoros mutuos de classes laboriosas. — Teve logar no domingo, como haviamos annunciado, a assembleia geral para eleição dos cargos desta sociedade no no anno de 1865. Foram eleitos:

ASSEMBLEIA GERAL

Presidente—J. J. de Carv.º e Goes 48 vot.
Vice presidente—A. M. d'Oliveira 80 »
1.º *Secretario*—A. M. Alves da Rosa 51 »
2.º *Secretario*—A. A. de Sousa Maia 51 »

DIRECÇÃO

Presidente—J. E d'Almd.ª Vilhena 50 vot.
Secretario—J. Henriques da Maia 48 »
Thesoureiro—J. M. da C. Azevedo 91 »
Directores: — Antonio de Sousa 88 »
« Manuel da Rocha. 78 »
« João da Cunha.. 49 »
« João J. dos S. Leite 49 »
« A. José Vinagre.. 48 »
« Luiz dos Santos.. 41 »

COMMISSÃO FISCAL

Manuel Anthero Baptista Machado 92 vot.
Antonio Egydio Ferreira da Cunha 49 »
Antonio Maria dos Santos Freire 49 »
João Marques de Oliveira..... 49 »

A eleição foi bastante disputada, vencendo apenas por 7 votos esta lista. Na lista vencida era presidente da assembleia geral o sr. João da Maia Roução, professor de dezenho do lyceu, e um dos nossos mais talentosos artistas.

Do relatorio da direcção mostra-se que a associação conta 120 associados, que tem já em caixa 220$351 réis em dinheiro e 671$791 réis em inscripções. A sua receita foi de 482$165 réis e a sua despeza de 73$819 réis sendo apenas 13$440 réis de soccorros pecuniarios a um associado por que todos os outros espontaneamente prescindiram dos que lhe pertenciam.

Retrato de José Estevam. — Temos ha dias em nosso poder a seguinte carta:

Sr. redactor.

Acha-se nomeada uma commissão, para a erecção d'um monumento n'uma das salas do Lyceu á memoria do defunto orador José Estevam: commissão a que tenho a honra de presidir. Para levar a cabo este glorioso commettimento é necessario a união de forças, que não possuimos.

E' tão honrada a memoria que de si deixou José Estevam, que nós, para levar-nos a cabo este projecto, não necessitavamos outro apoio, além do seu nome, se não vivessemos n'uma terra acalentada no seu primeiro viver do progresso pelo sopro de vida dado por este grande homem, aquem ella em troca tanto maltratou.

V. nos primeiros momentos d'existencia desta ideia deu-lhe a coadjuvação que elle reclama de todo o verdadeiro patriota. O enthusiasmo por essa grande alma ecoou nos corações da mocidade estudiosa. Constituiu-se uma commissão; os trabalhos progridem, e v. ao nosso lado. O jornal *Districto de Aveiro*, que foi echo da voz de grande tribuno, e do sublime sentir d'aquelle grande coração, regigido por v. não nos faltou com a sua coadjuvação.

Honra ao jornalismo, que assim sabe proceder! Constituidos neste difficil encargo teremos um dia de ser censurados se piedade pela opnião publica, seria trepidarmos ante obstaculos. A coadjuvação de v. não a pedimos; iria n'isso uma grave offensa. Contamos com ella; será mais um testemunho de quanto v. preza as cinzas do finado orador.

Agradeçemos do coração as frazes lisonjeiras com que, v. se tem dignado felicitar a classe a que pertenço.

De v. com o maior respeito um humilde servidor.

Aveiro, 30 de dezembro de 1865.

Ill.mo sr. redactor do *Districto de Aveiro*.

O presidente da commissão, para a erecção do monumento a José Estevam.

Viriato de Sousa Marques.

E' louvavel o pensamento dos estudiosos mancebos que tomaram sobre si o honroso encargo de fazer lembrado o eminente orador, o sr. José Estevam, collocando o seu retrato no edificio que devemos ao patriotismo d'aquelle nosso sempre chorado amigo.

Eleva-se a mocidade quando usa assim da sua fecunda iniciativa. São estes os documentos que ao presente servem para aquilatar o seu merecimento, e autorisam a fundar lisongeiras esperanças sobre o seu futuro.

A gratidão é em todos um dever. E causa alegria que a justiça aos serviços prestados por José Estevam a esta terra comece a ser rendida pela mocidade estudiosa.

Contém os estudiosos mancebos com a nossa cooperação. De bom grado nos prestamos a auxilial-os com o pouco que podemos. Obrigam-nos a isso sentimentos do mais imperioso dever e da mais viva saudade.

Correio da Capital

(Do nosso correspondente)

Lisboa, 8 de janeiro.

A politica interna não offerece assumpto digno de mencionar-se. A folha official tambem vem despida de interesse.

Depois da leitura do decreto, que nomeou presidente da camara electiva o sr. dr. Cezario, este prestou juramento nas mãos do sr. Mello Soares, na qualidade de presidente da assembléa preparatoria.

O sr. Sampaio tembem prestou juramento na qualidade de vice-presidente.

Procedeu-se á eleição para completar a lista quintupla dos supplentes á presidencia; sahiram eleitos os srs. J. de Mello, Placido d'Abreu, Mattos Correia e Pequito; e para vice-secretarios os srs. Severo de Carvalho e Crespo.

Na sessão de sexta-feira procedeu se á eleição da commissão da resposta ao discurso da corôa, e não tendo entrado na urna numero sufficiente de listas para a validade do acto, ficou a eleição transferida para o primeiro dia de sessão.

— O sr. conde d'Avila apresentou na camara hereditaria uma representação de 4:000 peticionarios, cidadãos portuenses, contra o contracto da novação de caminhos de sueste, o qual deve entrar brevemente em discussão n'aquella casa do parlamento. Resolveu a camara que aquella representação fosse publicada na folha official.

Suscitou-se na mesma sessão uma *questiuncula*, em que tomaram parte varios oradores, ácerca do local onde se ha de começar o debate, se na sala em que funcionam actualmente os dignos pares, se na camara dos srs. deputados, por que os dignos senadores esperam grande concurso de gente á discussão do contracto. A presidencia foi encarregada de se entender com a da camara electiva.

— Da politica externa, isto é a da nossa visinha Hespanha, pouco se sabe; conjectura-se que a revolta tem tomado incremento, não obstante algumas participações confusas, que tem vindo, nas quaes se diz, que a revolta será brevemente suffocada.

Toda a revolução é um mal; mas quando o povo se acha opprimido, como os nossos visinhos, e depois de ter esgotado infructuosamente todos os meios legaes, e para sacudir o jugo do despotismo não lhe resta senão a *ultima ratio* — a insurrecção! triste remedio, mas necessario!

— Na minha ultima correspondencia apreciei o sr. Mendes Leal como homem d'estado, a proposito do boato que corria da reentrada de s. ex.ª na pasta da marinha.

Acato toda e qualquer opinião favoravel áquelle cavalheiro a quem respeito; mas a liberdade com que escrevo, e a independencia de opiniões, que me permittis (o que agradeço) leva-me ainda a dizer algumas palavras em reforço da minha anterior correspondencia.

Ninguem mais do que eu respeita o sr. Mendes Leal como poeta, como auctor dramatico, como jornalista, como homem de lettras, como caracter probo emfim; mas como homem d'estado, tenho a convicção, de que escaceiam a s. ex.ª todos os dotes e predicados essenciaes a tão arduas, como elevadas funcções. A administração de s. ex.ª foi deploravel. Não sou eu que o digo; affirmam-n'o peremptoriamente os factos. Nenhum ministro teve ainda mais meios liberalmente concedidos pelo parlamento, e nenhum ainda fez menos! Ou antes nenhum ainda fez mais, porque em desperdicios, em pessimas construcções navaes, em desordenadas despezas, em levantar muita poeira, e levar a cabo muita inutilidade, ainda ninguem lhe levou dianteira!

Foi infelicissimo na escolha das auctoridades para o ultramar; publicou muitas portarias inuteis, fantasiou esquadras de *reserva*, esperdiçou grossas quantias em viagens de apparato, deixou as colonias em peior estado do que estavam, não acudiu promptamente com os soccorros necessarios aos indigentes de Cabo Verde; mandou fazer uns poucos de navios para serem desconcertados nos estaleiros inglezes; n'uma palavra, fez comedia e sempre comedia, além da tragedia de Cabo Verde, em que morreram 30 mil pessoas á fome!

São factos, e os factos não se improvisam. E sobretudo isto, o sr. Mendes Leal commetteu nos ultimos dias da sua administração um erro gravissimo — para lhe não dar mais feia qualificação — que o devera impossibilitar de tornar a ser ministro nesta terra. Refiro me á desgraçada questão do alcance do thesoureiro da commissão de soccorros de Cabo Verde! Não quero ir alem. Pois que! S. ex.ª não se declarou já gasto para aquella pasta? Cerro-me aqui, e mais nada digo.

— Corre á ultima hora que Saragoça se sublevou. Os jornaes hespanhoes vem quasi todos em branco, e declaram, narrando os acontecimentos, que os não podem commentar porque Madrid está em estado de sitio, e não lhes ser permittido abrir *bico!!!*

— A viscondessa dos Olivaes acaba de praticar um acto altamente philantropico. Comprou por 4:000$000 réis um palacio nos Olivaes afim de estabelecer, a espensas suas, um asylo de infancia desvalida do dito sitio. O rico que assim faz tão bom uso do seu ouro é digno de receber mil por um. Não carece fazer-se pequenino para d'elle ser o reino do ceu.

— Começou-se a publicar em Mafra uma folha semanal intitulada a *Gazeta do Campo*. Seja ella bem vinda e viva por largos annos.

— Falleceu o vice-consul de Portugal em Bombaim, o sr. Braz Fernandes.

— O negocio de cabellos é hoje de costa á cima. Os mercadores daquelle genero de industria já lançam mão da força, e de outros meios vis para darem aviamento a muitas encommendas que lhes são feitas. A justiça franceza acaba de capturar um dos taes, porque não lhe agradou os meios que o mercador empregára para obter a tão procurada mercadoria. O culpado é o bello sexo que se quer fazer ainda mais bello com transas postiças. Deploravel cegueira que pretende corrigir a natureza que é sempre bella em todas as suas manifestações!

— No *Diario* de hoje vem publicado o decreto que manda proceder a eleição de 3 logares de deputados vagos nos circulos de Vianna, Porto e Idanha. A eleição terá logar no dia 28. Brevemente a camara receberá no seu seio o nosso amigo o sr. José Luciano, a quem desejo será propicio o resultado da eleição por Vianna.

— Na sessão de hoje antes da ordem do dia, pediu a palavra o sr. Silveira da Motta, para interrogar o governo sobre os acontecimentos de Hespanha e quaes providencias que tem tomado, e quaes as noticias recebidas — O sr. ministro da justiça respondeu que as noticias eram que os regimentos se sublevaram, mas que as forças regulares foram em perseguição dos revoltos, e que Madrid e outras provincias gosam socego.

Pediram a palavra sobre este incidente varios oradores e entre elles o sr. Sá Carneiro, que aproveitando a occasião voltou ás questões militares, e mandou um requerimento pedindo que o governo declare quaes as providencias militares que tenciona adoptar em face da revolta dos nossos visinhos. Continua a discussão, á hora em que fecho esta correspondencia.

Y.

ULTIMOS DESPACHOS

Sobre a revolução de Hespanha publicou hontem o nosso collega do *Commercio do Porto* os seguintes telegrammas:

Lisboa 7 de janeiro ás 3 h. e 7 m. da tarde

Tem havido falta absoluta de noticias telegraphicas hontem e hoje.

Os jornaes hespanhoes nada adiantam, porque a authoridade fez supprimir nos artigos tudo que era hostil ao governo.

Cartas de Madrid com data de 4 dizem: Pela porta Alcala entrou grande força de artilheria e cavelleria, que desfilou pelo Prado. O general O'Donnell, á frente do seu estado maior, levantou vivas á rainha, que foram repetidos pela tropa.

Ha socego em Madrid. O commercio está paralysado; muitos estabelecimentos estão fechados; nas ruas de transito pouca gente se vê.

Em muitos pontos está cortada a linha telegraphica.

O general Prim partiu com mais dois generaes.

O governo está decidido a combater a revolução a todo o transe.

Em consequencia do estado de gravidez da rainha, occultou-se-lhe a noticia da revolução.

A rainha mãe, Maria Christina, era esperada em Madrid, mas provavelmente não virá.

Em Madrid continúa o estado de sitio.

Idem 7 ás 4 h. e 35 m. da tarde

Consta que o governo recebeu ha pouco um telegramma de Madrid datado de hoje á uma hora da madrugada, no qual se dizia que aquella capital estava em socego, a tropa animada do melhor espirito, que nas provincias havia socego e que se contava brevemente suffocar a revolta.

Annuncios

CLUB AVEIRENSE

Da parte do exm.º presidente são convidados os socios do Club Aveirense a reunirem-se em assembléa geral, quarta-feira, 10, pelas 7 horas da noite, a fim de lhes serem presentes as contas da gerencia finda e proceder-se á eleição da nova direcção.

O secretario
J. da Silva Mello Guimarães.

PIANOS

Ha na rua dos Mercadores n.º 13 deposito de pianos d'um dos mais acreditados fabricantes de Pariz.

Os preços são os mesmos dos depositos do Porto e Lisboa.

Quem perdesse uma carteira com documentos dentro, de grande importancia, falle n'esta redacção, onde se lhe dirá quem a achou.

Responsavel. — M. A. L. DE MESQUITA. —
Typ. do «**Districto d'Aveiro.**»